

A TAL MANEIRA DE ESTAR NO MUNDO



Quando Paisaninho Burro se viu diante dum mar de noiva polvilhado de pétalas de amendoeira, descobriu logo à direita do Algarve um vulto suspenso sobre o Além. Era o bacharel António Quadros, pendurado no promontório de Sagres.

Estava, tem-te não caias, a uma data de metros acima das águas, acocorado nas fragas. Pairando no milagre, pôde dizer-se. Espreitando o Quinto Império e quase-quase a despenhar-se noa mares muito antes navegados. Chocando uma ideia redonda, universal. Acocorado.

«Aí, VALENTE PATRÍCIO», comentou o Burro-em-Pé. E dirigiu-se para a ponta do Algarve.

FILOSOFAR, PERDER PAÍSES...

Desse encontro memorável Agualdo Paisaninho iria tirar alguns ensi-

namentos de português macho e tradicio(na)cionalista que, aplicados em conferências, seriam de grande utilidade para viver em glória na Comarca. Antes de mais nada impressionou-se muito com a ideia de um pensador de enfiar assim num sitio tão desabrigado, lá nos píncaros. Era o que se chama desafiar as leis da ciência e da civilização numa época em que já começava a aceitar-se a ideia da gravidade e o ar condicionado. Mas era principalmente desafiar os mares, os ventos da História e a selvajaria dos mouros mesmo a dois passos. Isto então era o máximo dos máximos.

Só que o Burro-em-Pé em matéria de filosofia tradicional não sabia da missa metade e nem sequer podia imaginar que o bacharel estava ali em serviço para ver-se-via

chegar D. Sebastião ou alguém em nome dele. Por esse motivo não percebeu.

ESTAVA À NORA.

dando voltas e mais voltas, sem chegar a uma conclusão. Também, perceber ou não perceber era igual porque o vigilante de Sagres já o tinha topado lá de cima. Com a boa-vontade de um pregador em cruzada, abria-lhe os braços do alto das Descobertas a chamá-lo, pst, pst em voz de brisa costeira: Suba, suba, que eu sou universal, cavalheiro, e quero é filosofar em português. De acordo?

Picado de curiosidade, Paisaninho subiu — mas pelo lado mais fácil, não pelo de Alcácer Quibir. Meteu à estrada nacional EN, atravessou um descampado e em menos dum fósforo ei-lo nos rochedos com vistas para Ceuta, Malaca e turistas

de Casablanca. Encontrava-se entre mar e núvens, ou seja, na maneira inconfundível de estar no mundo em bom vernáculo português. Em todo o caso tinha de confessar que a altura lhe fazia calafrios e nem se atrevia a dizer palavra por isso mesmo, para calar os inúmeros frios que lhe trespassavam a alma e lhe arripiavam o pelo. Trrrrre...

Vendo bem, aquela maneira de estar no mundo era um tanto incómoda e desusada, se bem que tivesse a sua beleza e endurecesse o carácter. Paisaninho reconhecia que sim, e até se mostrava deslumbrado com a paisagem que era de nada, em suspenso: brumas antigas e ecos do oceano. Simplesmente, achava arriscada e muito na base do milagre. Além disso perguntava a si mesmo

como é que o bacharel, não sendo águia nenhuma, tinha atingido um ponto tão elevado.

A resposta não se fez tardar:

«VOCAÇÃO ATLÂNTICA»

e era o filósofo acocorado nas fragas a lançar uma das suas estrofes de guerra. Aí, Paisaninho, muita atenção e mosca quieta: ia começar a ouvir certas verdades como punhos. Por exemplo, que

«TODOS NÓS,
NAVEGADORES
DE EXPERIÊNCIA
ÚNICA É TAL É COISA.
TEMOS UMA VOCAÇÃO
ATLÂNTICA
E, POR SINAL,
ATÉ NOS DAMOS
BEM COM ELA»

MUITO BEM! apoiado no silêncio do seu ouvinte, o orador entre núvens foi lançando outros pensamentos em flecha longa, pronto a rasgar as trevas brancas que o se-

paravam de Alcácer Quibir. Explicava que a coisa vinha do berço e que lá, no leito antepassado, já se bebia a nata do pensamento marítimo. Com mais fado ou menos fado — parêntesis:

«FADO COMO FATUM. ENTENDA-SE.»

— os ibéricos em manuelino tinham a certíssima de que os oceanos não separam os continentes como quer a geografia de má fé. E só com isto já estávamos no tal universalismo de que se falava tanto últimamente — concluiu por sua conta o Burro-em-Pé. Nem mais.

POR CIMA DE TODA A FOLHA

Momento!, avisou o orador. Ser universalista tinha que se lhe dissesse e ele, na qualidade de licenciado em ideal, é

Continua na pág. cinco



A TAL MANEIRA DE ESTAR NO MUNDO



Continuação da página três

que sabia onde estava a voltinha mestra.

«NA TRADIÇÃO»

resumiu. Na vocação — sublinhe-se VOCAÇÃO — de alargar mundos.

E de facto. Viajante nos soviéticos e respectivas repúblicas do pagãoismo, doutor Quadros apontou para aquela zona por causa do exemplo de um lusitano dos antigos chamado Fernão Mendes Pinto que também tinha andado pelos cantões infieis com riscos de perder a pele. A isto chamava o bacharel seguir-se p-a-pá a lição dos universalistas, e o resultado estava à vista: ele, como o dito Fernão Mendes, tinha conseguido escapar a todas as ciladas e agora dedicava-se a escrever a sua **Peregrinação** em gutembergue corpo 8 de **Diário de Notícias**, para ilustração da cristandade. Pela primeira vez os lis-

boetas dominicais ficaram a saber que naqueles reinos os habitantes dispõem de língua própria e de regras comunitárias e que se calhar até estão à espera de um Sebastião vestido de pope. Muito possivelmente este iria aparecer no branco-bruma da Sibéria e todo em bizantino colorido.

Paisaninho concordou:

«TÊM-SE VISTO
COISAS PIORES.»

Para sua sorte o licenciado não o ouviu porque senão a conversa talvez se tivesse tresmalhado para a política e ele era do idealismo da Comarca. Não dava confiança a doutrinas que andam sempre a mim, a mim, atrás da ambição do poder.

«FILÓSOFO, FILÓSOFO
POLÍTICAS À PARTE

Isto por causa do tal

universalismo que tinha professado e que estava acima de todos os partidos, crenças e convicções.

O Burro-em-Pé continuou, todo orelhas, a aprender.

AS 10 PALAVRAS QUE ABALARAM O MUNDO

De tudo, o que mais assombrou Aguiinaldo era a maneira como o bacharel sabia boiar na toalha das palavras, mais para aqui, mais para ali e porque torna e porque deixa, sem se entregar às vertigens de por aí abaixo. Realmente só um lusitano mui macho, dos antigos — pensou o burro deslumbrado. Só um tetranelo de conquistador cruzado com missionário seria capaz de navegar assim à tona do milagre. Toma nota, Aguiinaldo.

E no entanto o mis-

téééério não tinha nada de especial. Toda a ciência de viajar no Encoberto e na filosofia das brumas estava em conhecer-se de cor dez palavras, só dez, qual delas a mais simples. Assim, nada nesta mão, nada nada na outra, abracadabra, abracadabra, elas aí estavam, as palavras. Contando pelos dedos: **Mar** (está visto), **Nau** (aceita-se, é da família anterior), **Viagem**, **Demanda**, **Descobrimento**, **Oriente** (tudo ainda coisas de navegação), **Império**, **Saudade** (duas palavras muito próximas, primas direitas das outras), **Encoberto** (que é ainda igual a saudade, para todos os efeitos) e finalmente a surpresa: **Amor**. E por esta é que ninguém esperava num dicionário tão encapelado de viagens e de conquistas. Nas restantes nove palavras vinha tudo a dar no mesmo.

Com este semelhante vocabulário de bolso qualquer cidadão, parece, estava apto a perceber os portugueses pelas direitas (e pelo avesso) e, melhor ainda, a filosofar em legítimo abstrac-

to, coisa raríssima.

«TRATA-SE DE DEZ
PALAVRAS
QUE SÓ NOS
PORTUGUESES
É QUE SABEMOS.»

explicou o bacharel muito em confiança. E fechando os olhos para ler só na memória, desatou a recitar que «a filosofia era a perseguição do sentido mais oculto das palavras mais intraduzíveis». Sic, e sublinhe-se.

Mas esta das dez palavras intraduzíveis e que só nós é que sabemos arrumou por completo o Burro-em-Pé que se pôs a espezitar a mosca do entendimento, cheio de entusiasmo pelos garbosos idealistas do século lusitano, mas ao mesmo tempo incapaz de ver claro

ENTRE AS BRUMAS
DA MEMÓRIA.

Estava quase a escorregar da beirinha do Algarve, terra que, como se sabe, dá todos os anos muitos turistas de várias cores. E entretanto ia começando a sentir uma certa pena por todos esses estrangeiros que nunca saberiam dizer Amor na sua língua de trapos, nem Viagem,

nem Oriente nem mais

falta a qualquer mortal e que só o português sabia. Coitadinhos deles, **pas de chance**.

A noite aproximava-se em todas as línguas do hemisfério. Corria um vento sul-sueste pouco propício à navegação costeira; só faltava o espadanar de uma velã de boa lona para uma pessoa se sentir a caminho de Alcácer Quibir. E, pior que tudo, começava a arrefecer que não era brinquedo. Pelo sim e pelo não, o melhor seria recolher ao porto de abrigo onde sempre se tem à disposição uma pousada, um bar ou uma boite de dar à perna — aconselhou o burro.

À noite, por alturas da Albufeira, o Burro-em-Pé encontrou vários casais de namorados ao longo de um parapeito sobre o mar. Mais adiante outros na praia, muito sós, e outros ainda dentro de carros mas igualmente voltados do oceano. Estavam todos ali à espera do Encoberto, deduziu o nosso herói.

JOSÉ CARDOSO PIRES